

## A ORALIDADE NA TRANSMISSÃO CULTURAL DAS LENDAS TRADICIONAIS NO MUNICÍPIO DE LUCENA-PB

*Maria Ernestina Cornélio do Nascimento<sup>1</sup>*

*Glória Cristina Cornélio do Nascimento<sup>2</sup>*

*Almir Anacleto de Araújo Gomes<sup>3</sup>*

*Eduardo Beltrão de Lucena Córdula<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (UFPB); Gestora Escolar no Instituto Nova geração, Lucena-PB. E-mail: yupiala@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPB); Licenciada em Biologia (UNAVIDA/IESP); E-mail: gccornelio@hotmail.com.

<sup>3</sup> Mestre em Linguística (UFPB); Licenciatura Plena em Letras (UFPB); Professor Orientador em Letras (UFPB); Professor de língua inglesa (UFCG). E-mail: almir@ufcg.edu.br.

<sup>4</sup> Doutorando e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFPB); Especialista em Supervisão Escolar (IESP); Licenciado em Biologia (UFPB); Professor de Educação Básica da Prefeitura de Cabedelo-PB. E-mail: eduardo\_cordula@yahoo.com.br.

### RESUMO

A oralidade nas comunidades tradicionais, confere a comunicação pela qual a história, a cultura e as tradições coletivas se perpetuem ao longo do tempo, através da troca de saberes entre as gerações. Objetivando em identificar a principal lenda folclórica transmitida pela oralidade neste município de Lucena, litoral Norte do estado da Paraíba, região de praias e apesar de urbana, ainda há remanescentes de pescadores tradicionais. A pesquisa foi de cunho Qualitativo e Fenomenológico, com a técnica da Entrevista Formal e utilização do Roteiro Semiestruturado como instrumento de obtenção dos dados, através da entrevista com 04 pescadores locais, com idades entre 40 e 80 anos, por serem considerados Especialista Locais pelos saberes, práticas e com os que possuem na sua relação com o ambiente e com os integrantes da sua comunidade. Os resultados mostraram que os contos e as lendas enriquecem o imaginário dos sujeitos da comunidade e mantêm viva a memória coletiva, sendo a lenda do Batatão a que é caracteristicamente marcante no município. Portanto, transmitir estas histórias através da oralidade é o que a comunidade possui como ferramenta linguística própria para manter-se viva através da memória de seus integrantes, devendo ser registrada, para que continue a se perpetuar pelas próximas gerações.

**Palavras-Chave:** Oralidade. Saberes Tradicionais. Lendas. Contos.

doi: [10.33501/revetos2017.003](https://doi.org/10.33501/revetos2017.003)

## 1 INTRODUÇÃO

Os contos, lendas e malassombros fazem parte da cultura e como manifestação folclora nas comunidades, como expressão presente em todas as sociedades do planeta (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008). Estes contos se manifestam pelas experiências vivências e geram aprendizagem perpetuados entre os povos, através da oralidade, gerando assim, uma memória individual e coletiva que caracteriza estas comunidades (MONICA, 1983).

La memoria permite a los individuos recordar los eventos del pasado. Como los individuos, las sociedades poseen también una memoria colectiva, una memoria social. En ambos casos, esta capacidad de recordar resulta crucial porque ayuda a comprender el presente y, en consecuencia da elementos para la planeación del porvenir y sirve para remontar eventos similares ocurridos anteriormente, y aún sucesos inesperados (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008, p.13).

A oralidade é portanto, desde tempos remotos, o principal meio de repasse e perpetuação dos eventos das comunidades, sejam as consideradas mais primitivas, às mais evoluídas tecnologicamente (DELBEM, 2007). Portanto, a oralidade é calcada e caracterizada pelo convívio e crenças próprias na comunidade, adquirindo características e intenções próprias (PORTO; PERFEITO, 2007).

A oralidade e os conhecimentos transmitidos nas comunidades tradicionais, necessitam de estudos aprofundados e valorativos, pois estas manifestações culturais próprias e representativas de povos, do seu regionalismo e individualismo, estão sendo esquecidas, desvalorizadas e extinguindo pelas gerações atuais que não procuram e não se interessam mais pelos estes saberes históricos (NASCIMENTO et al., 2014a).

Mesmo sofrendo adaptações em suas narrativas tradicionais, feitas por filhos, netos e amigos dentro de uma comunidade, a narrativa tem suas próprias características em meio ao caráter dinâmico de sua tradução, e é percebida como memória coletiva (ZIBERMAN, 2006). As lendas e os contos possuem uma poética oral muito importante, no que se refere ao caráter sonoro, que é conduzido pela voz (NASCIMENTO et al., 2014b). Dentre elas a lenda do Batatão, contado pelos pescadores se insere em várias narrativas, com diversos acontecimentos individuais e vivido por eles. Tendo o mar como cenário, a pesca e o pescador como protagonista da história (Idem, 2014c).

## 1.1 Linguagem e Transmissão dos Saberes

O estudo da linguagem na transmissão do conhecimento, está correlacionado a cultura e a ideologia nos signos construídos nos processos de interação social, de tradição exclusivamente oral (GERALDI, 2000). A história humana retrata que todos os povos contaram histórias e transmitem seus conhecimentos através da sua linguagem oral, mesmo que não possuam a escrita, sendo a cultura existindo e manifesta pela palavra e pela memória (SISTO, 2010).

A memória sempre reflete um conhecimento anterior, apreendido, aprendido e perpetuado na formação cognitiva do indivíduos e compartilhada para com os demais de seu núcleo familiar (NASCIMENTO et al., 2014b). “Grande parte dos saberes da cultura popular são transmitidos através da oralidade, uma vez que não há registros escritos dos mesmos” (MORAES, 2000, p. 98). Esse processo ocorre de pessoa a pessoa, de pai para filho, de um grupo para outro, de geração para geração.

Na oralidade e transmissão dos saberes, “(...) a memória social exerce um papel fundamental, pois a preservação e a continuidade das tradições dos grupos” (MORIGI et al., 2012, p. 186) socioculturais, dependem das recordações dos seus membros (GONDAR; DODEBEI, 2005). A transmissão “(...) dos valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham” (MORIGI et al., 2012 p. 186) o tempo e o espaço: tanto das inter-relações pelo convívio com a família e a comunidade, das relações estabelecidas com a natureza, das vivências em todos os aspectos da vida do sujeito (trabalho, hábitos, costumes culturais, comportamentos, crenças, ritos e mitos) (MORAES, 2000). Neste sentido, a transmissão oral é colocada como um acontecimento que precisa ser lembrado e incorporado, de maneira que essa transmissão se transforme numa história viva, em constante movimento e acesso pela comunidade e seus integrantes, entre as gerações passadas, presentes e, assim, garantindo sua transmissão para as gerações futuras (NASCIMENTO et al., 2014c).

Conforme Moraes (2000, p. 95), “as memórias coexistem de fato em nova cultura [...] justapondo, integrando ou lutando, numa “rede de mosaico” conceitual, aspectos de distintas e contraditórias expressões na prática e nas representações dos indivíduos e grupos”. “Na transmissão da tradição, de geração a geração, a construção que o presente faz do passado, passa a ser importante, na medida em que a memória – considerada como sentido plural – é a expressão de um sentimento e modo de compreender e se relacionar” no mundo (MORIGI et al., 2012, p. 187).

Deste modo, para manter a sobrevivência e integridade de grupos, tem-se que valorizar a memória coletiva dentro de um contexto afetivo, que surge dos compartilhamentos e interações de experiências entre as comunidades (GONDAR; DODEBEI, 2005). Assim, supervalorizar estas memórias através de sua transmissão, coloca os sujeitos como responsáveis pela sua história e tradições culturais. De acordo com Zumthor (2005, p. 87 apud FERNADES, 2011, p. 38), a performance da transmissão é o ato pelo qual um discurso poético é comunicado por meio da linguagem oral, e portanto, percebido pela audição, sendo uma competência própria da poesia, performatizada como uma capacidade de se adaptar às circunstâncias e de fazer brotar os sentidos. Deste modo, a importância da oralidade “(...) dentro da memória coletiva, contribuindo para a história de um povo que ao (...)” (NASCIMENTO et al., 2014b, p. 2) longo dos anos fortalecem (ou na atualidade tentam), uma relação entre o trabalho e a identidade, confirmando seus valores e as suas crenças (MARCHUSCHI, 1997).

É através das variações composicionais da oralidade que as lendas vão adquirindo novas roupagens imateriais, novas vestimentas, criando-se assim um produto coletivo de uma cultura baseada num só conto, dando fortalecimento em suas histórias e imaginações, que são transferidas posteriormente a outras gerações com uma caracterização histórica e a função principal do relato através da oralidade (FERNANDES, 2011; CANANÉA, 2011). Segundo Hartmann (2011, p. 169 apud FERNANDES, 2011, p. 39), a “memória, como parte do patrimônio de uma comunidade, pressupõe a relação de dados e informações, a partir de um indivíduo, em prol do que a comunidade quer transmitir para fins da conservação de uma identidade cultural”.

Poranto, o desenvolvimento da oralidade é acompanhada pela capacidade não só da fala, e também, da percepção do discurso do ouvinte e como se dá sua compreensão (PICOLE, 2010). O modo de comunicação oral da língua humana é auditivo-vocal interativa, que tem fins comunicativo e se apresenta em diversas formas e gêneros textuais, fundados na realização sonora da língua (MARCHUSCHI, 1997).

## **1.2 A Oralidade e o Folclore**

A definição do termo Folclore foi criada em 1846 pelo inglês William John Thomas (GALENO, 1978), que já designava uma antiguidade popular, o que nos remete ao estudo ou conhecimento relativo às crenças, costumes, tradições, lendas, poesias e canções populares (DELBEM, 2007). O folclore portanto, situa-se entre uma sociedade que se estratifica de um lado,

em uma elite instruída e cosmopolita, e do outro, em uma ligada aos setores tradicionais, representados pelas comunidades mais humildes (VIDART, 1960; MONICA, 1983).

Uma das principais manifestações folclóricas são as lendas e canções populares, que afloram a encantadora, ingênua e humilde alma do povo que as manifestam (NASCIMENTO, 2007). E, por isso, as suas estrofes continuam a viver e a palpitar na oralidade do povo, de tal modo que, diante delas, é assegurada a sua propagação e interesse de estudos e pesquisas sociais e antropológicas (Ibidem). É por isso que estas manifestações ainda se perpetuam, de tal modo que, diante delas, não sabe-se qual a sua origem e até quando na história irão se perpetuar, mas o que se deve, é dar seu devido valor histórico e social (SOUSA, 2006).

Para Galeano (1978), o folclore é também, o estudo do que se pensa, sente e o que faz o povo, relacionado a um saber, uma filosofia, uma literatura, uma arte a seu modo diluído na tradição. Já o conto, é a maneira como é narrado um episódio, um fato que se perpetua através da transmissão oral – de um locutor para um ouvinte – podendo ainda ser alterado e mudar, surgindo diversas versões e conferindo-lhe um caráter regional (LISBOA, 2002). Quando o conto se perpetua ao longo do tempo, tornasse lenda (Ibidem). Segundo Cascudo (1972, p. 303), os contos “são de importância capital como expressão de psicologia coletiva no quadro da literatura oral de um país”. Como manifestação popular, ocorre através de uma estória de “Trancoso”, um conto de fadas ou da carochinha entre outras variáveis modalidades, e influenciados pelos seus processos de transmissão, adaptação, narração, gestual e do nível da entonação, mostrando assim, os mais expressivos índices intelectuais das populações (VASCONCELLOS, 2000; DELBEM, 2007; SOUSA, 2015). O conto ainda registra como processo histórico, à sobrevivência e os costumes (alguns esquecidos) ao longo do tempo (CASCUDO, 1972).

O conto, devido ao seu caráter repetitivo e mesmo retratando o passado, aborda um presente permanente, ou seja, o estado cognitivo do imaginário, operando de modo subjetivo, para enunciar uma verdade referencial conotativa, estabelecendo uma referência do real e sendo indiscutível e inatingível (FERNANDES, 2011). Sendo assim, propõe graças ao seu caráter repetitivo, uma fundação reiterada na essência que, embora no passado (“*Era uma vez...*”) fala de um presente permanente (AZEVEDO, 1999). O texto do conto, que tem, na maior parte das vezes, o estatuto cognitivo do imaginário opera de modo desviado, por meio de heróis distantes. Ele fala por intermédio de um “Ele” que passa pelos algures imaginário, para enunciar uma verdade referencial conotativa, não diretamente enunciada, à qual se adere de forma inconsciente que ele propõe estabelecer uma

referencia mais profunda, porque, como relativa ao imaginário, não é passível de discussão (PELEN, 2001).

As lendas possuem um definição espaço temporal histórica, envolvendo pessoas, fatos e períodos específicos, podendo evoluir dos contos (MONICA, 1983). Portanto, as lendas e os contos possuem uma poética oral muito importante, no que se refere ao caráter sonoro, que é conduzido pela voz. É um conhecimento externalizado pelos povos tradicionais, de forma rítmica, com uma sensibilidade poética, domínio e propriedade do saber transmitido entre os memes locais (HEATH et al., 2001).

A arte narrativa “é como uma forma artesanal de comunicação pois o narrador molda, lapida o seu contar de acordo com seus“ ouvintes (NASCIMENTO et al., 2014c, p. 2), de acordo com a intenção e interação deste processo narrativo (BENJAMIM, 1993, p. 203 apud FERNANDES, 2011, p. 43). Assim, o conto, que produz as lendas, partem da oralidade, que pela arte da narrativa, mem viva a culturas locais em todo o país.

Partindo da hipótese de que os pescadores do município de Lucena, Paraíba, realizam a transmissão de suas lendas e contos através da oralidade, e que elas se perpetuam na comunidade; tem-se como objetivo deste estudo, em identificar a principal lenda folclórica transmitida pela oralidade neste município.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Metodologia**

O presente estudo foi desenvolvido no município de Lucena, litoral norte do estado da Paraíba, localizado na região nordeste do Brasil, no ano de 2012. Sua comunidade é considerada tipicamente praieira e dependem economicamente da pesca, da agricultura e do turismo, tendo portanto, comunidades tradicionais, vinculada à tradição da pesca caiçara (NASCIMENTO, 2007). Sua área de extensão é de 88.944 km<sup>2</sup> com aproximadamente 16 km de extensão de praia (FERNANDES et al., 2011) e uma população de aproximadamente 11.545 habitantes (IBGE, 2010).

O público alvo do presente estudo, serão os pescadores considerados Informantes Especialistas (ALBUQUERQUE et al., 2010), por deterem o conhecimentos sobre os contos e lendas no município, tendo idades entre 40 e 80 anos. A partir do primeiro informante especialista, outros

serão indicados por ele, por assim considerar como detentor do esmo saber, através da utilização da técnica do Snow Ball (bola de neve), onde um indica o outro, até que os nomes se repitam (ALBUQUERQUE et al., 2014). Dos 06 nomes indicados, apenas 04 desejaram participar do estudo.

Portanto, este estudo é de cunho Qualitativo e Fenomenológico, com utilização da técnica da Entrevista Formal, gravada e com Roteiro Semiestruturado.

A *Pesquisa Qualitativa* tem como foco a interpretação que os próprios participantes têm da situação sob estudo, enfatizando os aspectos da subjetividade e demonstrando uma flexibilidade no processo de conduzir a pesquisa, no sentido de que o comportamento das pessoas e a situação ligam-se intimamente na formação da experiência, com o universo de significados, motivos, inspirações, crenças valores e atitudes (ABÍLIO; SATO, 2012).

O Método Fenomenológico é descritivo e analisa a consciência e a essência dos da percepção e concepção dos fenômenos envolvidos e seus significados (ABÍLIO; SATO, 2012).

A Técnica da Entrevista possibilita a formulação de perguntas ao entrevistado, objetivando a obtenção de dados de interesse da investigação, interagindo socialmente na coleta de informações (GIL, 1987). Foi adotada a Entrevista Formal, com Roteiro Semiestruturado para captar o máximo de informações sem que os entrevistados se sentissem inibidos (Ibidem), e uso de gravador digital modelo ICD-PX312 de 2GB de memória, para captação da fala dos participantes (SILVERMAN, 2009). Após as gravações, as falas eram transcritas para análise, e trechos colocados de forma literal nos resultados. Imagens foram obtidas como registro para com os resultados da pesquisa, através de câmera digital, modelo COOLPIX L120 de 14.1 Megapixels.

Todos os dados obtidos foram analisados pelo Método Discursivo para o reconhecimento dos padrões de convergência e divergência das informações (AGROSINO, 2009).

Todo o projeto em suas diversas etapas e os dados obtidos, tiveram plena autorização dos seus participantes, incluindo as gravações e o registro fotográfico das entrevistas, onde foram respeitadas as normas de conduta ética para pesquisa com seres humano, tendo como base a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012).

## **2.2 Resultados**

O institui do estudo foi registrar o principal conto no município de Lucena, repassando pelas gerações mais antigas de moradores, que são os pescadores, por estarem ligados as tradições, os saberes, as práticas, os mitos e ritos de sua comunidade tradicional (TOLEDDO; BARRERA-

BASSOLS, 2008). É comum nas pequenas comunidades cuja relação de sobrevivência esteja ligada mais intrinsecamente com a natureza, desenvolverem ao longo do tempo os seus mitos, como os contos, que se transformam em lendas e passam a fazer parte da vida cultural destes sujeitos (BATISTA; MACENA, 2013).

Analisando as histórias contadas por quatro pescadores, a partir de suas experiências de vida, uma lenda se fez presente pela repetição, pela intensidade e impacto que ela possui sobre a vida destes homens e, por afirmarem terem tido em algum momento de suas vidas um avistamento: o Batatão.

### 2.2.1 A Lenda e sua Designação

O Batatão é uma lenda presente em quase todas as regiões do país, mas todos é representado pelo elemento fogo, com similaridades na nomenclatura e com mudanças em seu modo de manifestar-se, e sempre ligado há outro elemento da natureza (terra, água, ar ou as matas), podendo ter uma forma definida (cobra ou cavalo) ou não, persentindo de um lado proteção ou por outro como mal presságio (CASCUDO, 1947, 1972; SILVA, 2005; SOUSA, 2006; CHIANCA, 2007; PORTO; PERFEITO, 2007; AQUINO, 2013; BATISTA; MACENA, 2013; NASCIMENTO et al., 2014c; SILVA, 2014).

(...) no tupi *mboi* (cobra) e *tatá* (fogo) – é, de uma forma geral, uma assombração que se manifesta por meio de uma gigantesca cobra-de-fogo que vive nas águas e que aparece apenas à noite. Em algumas culturas, esse monstro desempenha o papel de proteger os campos contra incêndios, em outras, é a força causadora deles no intuito de assustar os homens e expulsá-los de seu ambiente (SOUSA, 2006, p. 233).

Para Sousa (2006, p. 238) “(...) o mito do Biatatá assume o papel de protetor de ordem ética e moral”. Tratar aqui da etimologia do termo Babatão e seus significados (PORTO; PERFEITO, 2007, p. 121-122): “Boitadá (no sul – Baitadá, Batatá, Bitatá; no nordeste – Batatão e Biatatá; entre os índios – Mbaê-Tata)”.

Outra lenda contada por duas pessoas é a do “Batatão”, ou “Bola de Fogo” ou “A Cabeça de Fogo”. Por volta de 1982 Seu José15 diz ter visto uma bola de fogo que corria pela mata fazendo um barulho estrondoso. Mesmo assustado continuou a caminhar e pediu a proteção de Deus e Nossa Senhora, quando de repente avista um cavalo magro e alto perto do fogo,



onde este formava a cabeça do cavalo. Já a Dona Cícera conta a mesma história, mas sem cavalo envolvido. Nunca viu esta tal bola de fogo, mas já ouviu falar por muitas pessoas (BATISTA; MACENA, 2013, p. 2).

Para Cascudo (1972), o Batatão é uma das designações da lenda do Batatá, Boitatá ou Macaxera,

Divindade dos caminhos, guinado os viajantes, os potiguares ornaram o portador da boa notícia; pelo contrário, os tupiguaís e córios, o feiticeiro inimigo da saúde humana (...). Provém, possivelmente, de *mbaecaia*, a coisa abrasada, *o-se-queima*. Será uma versão de *res ignis* do Padre Anchieta, uma modalidade de *Mboitatá*, Batatá, Batatão, fogo-fátuo, desnorteador e espalhando medo (CASCUDO, 1972, p. 529).

Silva (2005, p.5), menciona em seu estudo de histórias e narrativas em Goiás, a obra “Cancioneiro e Trovas do Brasil Central” de 1922, escrita por Americano Brasil, uma dança intitulada: dança do batatão. Silva (2014, p.11), faz em seu estudo uma menção sobre o Batatão, como protetor das matas, para que não ocorra queimadas.

Para Sousa (2006), a lenda é denominada de Biatatá, sendo vinculada a sua manifestação às águas dos rios, ocorrendo no estado da Bahia, mas com outros relatos e designações em todo o território nacional, com outras designações: Batata, Baetatá, Bitatá, CumadreFulôzinha, João Galafuz, Mbaê-Tata. “Ao registrar o medo que os índios tinham do Biatatá, Padre Anchieta, em carta a São Vicente, em 1560, atesta a antiguidade desse mito em solo nacional” (SOUSA, 2006, p. 234).

Em relação ao conto “Fogo do babatão”, D. Paulinha Martins tem convicção que o viu várias vezes e narra: (...) “já estava no final da tarde, anoitecendo e de repente a gente viu aquelas duas bolas de fogo, uma corria para cima e a outra pra baixo. Era o batatão que aparecia pra meter medo na gente (...) mas era só acender o fósforo que o batatão se escondia” (AQUINO, 2013, p. 78).

Chianca (2007), em seu estudo sobre as expressões de festas e santos católicos, quando trata do tabu proibitivo da relação sexual entre os compadrios que são vinculados pelo batismo cristão, “Para evitar esse perigo – crescente depois do reforço dos laços de amizade –, a proibição sexual entre compadres é uma regra com expressão variável segundo os lugares e épocas, mas que se impõe também sobre estes compadres especiais – como para o batismo cristão” (p. 65). Quando ocorre a falta de respeito a esta condição, o pecado se transforma em castigo: “Outra lenda brasileira relativa ao desprezo do tabu preconiza que como punição aos compadres ‘pecadores’ – que podem ser também, exemplarmente, um padre e uma mulher – eles se transformarão em Batatão, Boitatá, Mula sem Cabeça ou Fogo Fátuo” (p. 65).

Portanto, a lenda do Batatão tem expressiva manifestação na cultura brasileira, em todas as regiões do país, e a ciência a explica, através do “fogo fátuo”, que é proveniente da emissão de gás metano em locais onde há acúmulo e decomposição de matéria orgânica, que acaba incendiando espontaneamente, podendo ocasionar pequenas explosões (SOUSA, 2006; AQUINO, 2013). Sendo uma das poucas lendas que a ciência conseguiu encontrar uma explicação racional com fenômenos da natureza para explicar sua ocorrência e avistamento pelas pessoas.

Portanto, sua origem é indígena, possui várias nomenclaturas, vinculada a terra, ar ou águas, tendo sua aparição física o elemento fogo, em forma de animal, só os olhos, ou como uma esfera giratória, acompanhando como proteção ou para assombras as pessoas, de acordo com a região que a lenda faz parte da sua cultura (SOUSA, 2006; NASCIMENTO et al., 2014c).

### **2.2.2 Entrevistas**

A comunidade que no passado era inicialmente de pescadores caiçaras, perderam ao longo do tempo esta característica, em virtude do processo de urbanização e distanciamento de suas residências, que antes estavam na faixa de praia e, agora, miscigenadas em meio as demais construções. Diegues (2004) em seus estudos, vem observando este mesmo efeito nas demais comunidades similares por toda a costa brasileira.

A comunidade, segundo Brandão e Borges (2014), é o lugar onde um povo habita e a vida acontece. Neste contexto, a pesar desta conformação urbana, a comunidade tradicional de Lucena ainda existe, miscigenada, mas presente com seus saberes, práticas e mitos (DIEGUES, 2004; BRANDÃO; BORGES, 2014).

Na comunidade da cidade de Lucena, foram entrevistado 04 pescadores. Os especialistas entrevistados foram os senhores: (1) Pedro Leonel, nascido em 19/04/1933 (79 anos); (2) José Pereira da Silva, nascido em 20/04/1940 (72 anos) de apelido de Zé Sabino; (3) Irismar Ramos dos Santos, nascido em 16/10/1968 (44 anos), de apelido de Nego Iris e; (4) Josuel Lindolfo da Silva, nascido em 02/12/1968 (44 anos) de apelido de Piloto (Figura 1).

### **I - Transcrição Direta das Entrevistas**

**Josuel Lindolfo da Silva (02.12.1968)**

*Eu estava no mangue à noite pescando quando vi um fogo nos paus do mangue, eu tinha uns 20 anos na época. O Batatão era do tamanho de um coco verde, ele estava lá parado, mais ou menos uns 20 metros. Eu não tinha medo, eu estava distante, depois eu fui embora, ele não fez nada comigo não. Foi assim, ele gosta muito de mangue*

**José Pereira da Silva (20.04.1940)**

*Foi com um amigo meu, ele foi pescar lá no “Buraco” mais um companheiro dele. Começou a pescar de noite, começou a pescar, pouco mais lá vai, apareceu um a luz lá na Barreira de lá, aí ele falou – fulano lá está o Batatão visse, o Batatão vem pra cá. Aí ele disse – Qual é esse Batatão? Óia onde tá, na barreira de lá, será que ele vem pra cá? Aí ele disse – eu não sei não, aí começou a pescar, pouco mais, quando olhou pra frente da barreira, aquela barreira do lado de cá, a luz mais focada – Olha onde já vem? Bem perto, aquele Batatão, aí sim, quando chegou mais perto, se apresentou lá na subida de Bomsucesso. E entonce, eu num tô dizendo que aquele Batatão vem pra cá? Aí, só que no caminho, que abre um porteira perto do cemitério, a porteira descia até a pancada da maré – Vamo simhora, que aquele Batatão vai pegar a gente. Tirou o calão do mangote e danou nele, batia e caia lá fora, batia e caia lá fora, esse batatão quer me queimar. Só sei que quando atravessou à porteira, ele desapareceu, aquela luz. Eu só sei contar isso, que já contava assim.*

**Pedro Leonel (19.04.1933)**

*Eu tava na praia, aguando uma rede na canoa, quando eu olhei pro currá, chamado Triunfo, aí eu olhei assim e disse...ói onde tá o Batatão.....aí eu peguei a cuia d'água larguei em cima da rede, já tava na pancada da maré, aquela tocha, desse tamanho, aí eu larguei a cuia e fiz carreira pra casa do finado Zé Chico, e ele atrás, quando eu cheguei na casa do finado Zé Chico, eu caí no meio do povo que tava sentado no meio do terrero, aí ele passou assim na casa da finada Liu e cumpade Zé Cipriano, ele passou pra cima, pra dentro do Maceió, aquela tocha acesa e eu fiquei lá arriado, aí quando eu tornei, aí ela perguntou. – O que foi ? aí eu respondi, foi o batatão que eu vi lá na praia agora, aí ela disse, - eu vi quando ele passou, aí foi quando eu tornei*

**Irismar Ramos dos Santos (16.10.1968)**

*Quando eu tinha na faixa de 5 pra 6 anos, eu ouvia muita historia. Tinha uma senhora, já de idade, agente chamava ela de Teté, que era mãe de uns tios nossos. Ela contava que naquele tempo não tinha energia, a energia era a motor e certas horas, 10 horas da noite, o motor desligava, aí o pessoal tinha que se dirigir a umas mercearias, que a gente chamava venda, na época, pra comprar*

*gás, tá entendendo ? Aí nesse intervalo, nesse caminho aí ela já avisava que os meninos quando vissem aquela luzinha no beco, não chamasse de Batatão não, chamasse Cumpade Albino, porque se chamasse Batatão, aquela luz ia crescer, justamente, se ele chamasse Batatão. Aí, uma certa vez quando a luz chegou a faltar, ela procurou gás pro candeeiro, ela não tinha, aí foram já tarde da noite, comprar gás, quando vai passando no beco foi que viram aquela luzinha lá no fundo, aí ela falou, não chamem Batatão não, mas, menino é atrevido, quando eles viam voltando, no primeiro beco, o menino gritou, Batatão, aí ela segurou na mão e disse, não faça isso não, quando ela foi chegando próximo à casa, aquela luz, aquele fogo enorme, riscou no meio da rua, lá aquele ronco mais feio do mundo, aí ela bateu na porta lá de casa, que na época, meu avô era vivo, as casas eram tudo de palha, quando bateu na porta, caiu todo mundo dentro de casa, aí ela disse: me acode, Tonho Ciriaco, que era o nome de meu avô, aí aquela bola de fogo passou jogando fogo por todos que era lado da rua, e passou.*

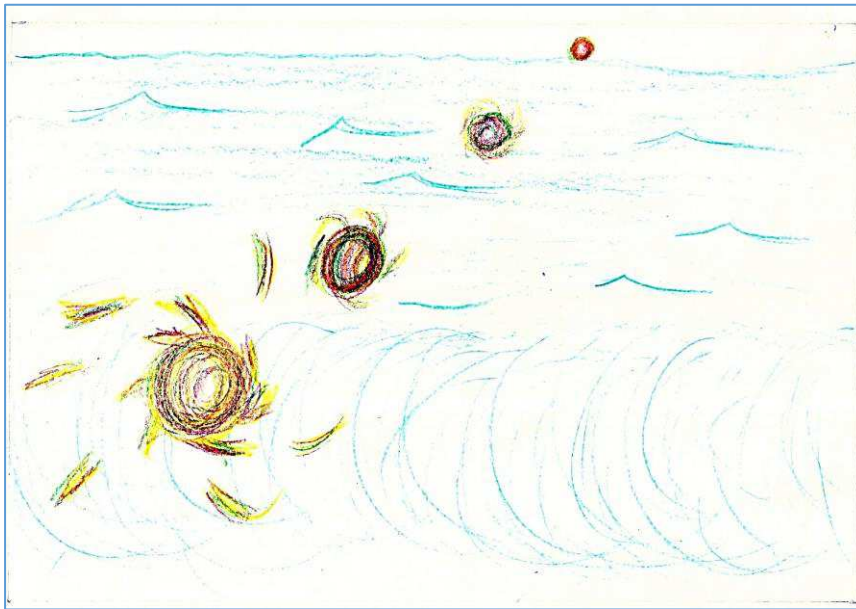
**Figura 1** – Informantes especialistas entrevistados no município de Lucena-PB, em novembro de 2012: A - Pedro Leonel (79 anos), B – José Pereira da Silva (72), C - Irismar Ramos dos Santos (44 anos), D - Josuel Lindolfo da Silva (44 anos).  
**Fonte:** dados da pesquisa, 2012.



Para os especialistas entrevistados, o Batatão é uma bola de fogo que assustava os moradores. Não tendo relação de proteção, nem de cuidado, apenas amedrontar as pessoas na praia. Ela se locomovia indo sempre ao encontro deles, quando estavam trabalhando na praia. O “Batatão”, ou “Bola de fogo” era temido por todos. Dentro dos relatos é que a aparição perseguia surgia sempre a noite e perseguia os que o avistavam, principalmente no período em que a comunidade não dispunham de energia elétrica. Atualmente não são mais relatados, segundo os entrevistados, de avistamentos do Batatão.

A partir dos relatos e das tentativas de que os entrevistados desenhassem o conto relatado, nenhum se propôs a fazê-lo por medo e respeito. A ilustração mais próxima dos relatos orais na comunidade, foi produzido por Nascimento et al. (2014c), mostrando como seria e como se movimentava quando aparecia (Figura 2).

**Figura 2** – O Batatão, em técnica de giz de cera, realizado a partir da descrição de moradores locais do município de Lucena, Paraíba. **Fonte:** Nascimento et al. (2014c).



Segundo os entrevistados, o Batatão aparece a noite e sempre no mar e para os pescadores, devido a constância deles de estarem na praia e saírem à pesca neste período do dia. Também ele surge, para aqueles que pronunciam repetidamente o seu nome, na praia e a noite. Ele surge no mar e vai em direção à praia, em busca de quem o chamou. Há um temor por parte dos pescadores nesta lenda, razão pela qual eles não gostam de pronunciar seu nome, pois o mesmo quando surge e está feroz, possui a intenção de queimar os barcos dos pescadores e, segundo os próprios narradores, é uma manifestação naturalmente agressiva.

Ao realizar as entrevistas, foi observado que, dentro de todo contexto relatado por estes pescadores, que eles não citaram em momento nenhum como o conto surgiu e se transformou na presente lenda manifesta na cultura local. Não souberam afirmar quem o viu primeiro, enfim, a origem do surgimento do Batatão. Todos confirmaram que seus avós e os seus pais já o viram e que foram perseguidos por ele. Mesmo assim, esta lenda vem se perpetuando, com cenários variados e causando apreensão para aqueles que nele acreditam.

Atualmente se fala muito nas questões e debates sobre a “cultura imaterial” e memória, com suas formas de produção e manifestações culturais (CANANÉA, 2011). Nesse sentido, a transmissão individual ou coletiva vem se firmando ao longo do tempo. Essa importante prática cultural, vem possibilitando a produção dos sentidos que são, de certa forma, repassados como um processo ativo e dinâmico que constrói a cultura (KHOURY, 2001). As práticas culturais através da oralidade veem produzindo os saberes coletivos, não deixando se distanciar aquilo que de mais valioso temos, nossa formação histórica, que depende dessa transmissão de valores das trocas dos saberes populares (SOARES, 1995).

A oralidade é a forma predominante de transmissão dos saberes destas populações tradicionais, e os entrevistados afirmaram que contam suas histórias de vida aos seus filhos, netos e amigos ao longo das suas vidas, assim como, outros o fizeram com eles. Com isto, a transmissão do conhecimento é repassada de geração à geração. Porém, para os entrevistados, devido à quantidade de tecnologia na atualidade, os seus filhos e netos não se sentem mais atraídos a escutarem os ensinamentos, histórias, contos e lendas que eles têm a transmitir. Sendo assim, os saberes tradicionais desta cultura tenderão a sumir na linha do tempo entre as próximas gerações (AZEVEDO, 1999; GERALDI, 2000; GONDAR; DODEBEI, 2005; BATISTA; MACENA, 2013; NASCIMENTO et al., 2014a).

Outro fator predominante verificado na oralidade local, é que a linguagem coloquial e popularizada predomina, sendo repleta de falhas na concordância e nos tempos verbais, na construção de suas frases de seu vocabulário. Isto mostra que a língua materna foi assimilada desta forma, dentro de sua comunidade e continua se perpetuando ao longo do tempo. Só o acesso à educação poderá modificar isto, já que possuem baixa escolaridade e, portanto, pouca ou quase nenhum estímulo a leitura, o que poderia modificar esta situação (CASOTTI, 2014).

A cultura local herdada, tem componentes vivos, pois se constitui de elementos vivenciados dentro de uma sociedade. Estes acontecimentos estabelecem os laços afetivos coletivos entre as pessoas que estão inseridas neste contexto social comum (GONDAR; DODEBEI, 2005). Dentro deste contexto, estão registradas as recordações dos momentos individuais e coletivos, acontecimentos que são a cronologia temporal que marcou a infância, adolescência e a vida adulta na sua memória social coletiva (Ibidem). A integridade desta memória coletiva, garante o futuro da comunidade e a história cultural de um povo. A cultura e a linguagem, através da oralidade, se miscigenam e se estratificam na reprodução desses saberes. Sendo assim, essa memória deve ser compartilhada e fortalecida no meio das pequenas comunidades, para não se tornarem um povo sem memória e sem história.

### 3 CONCLUSÕES

Ao se estabelecer o modo de transmissão dos saberes tradicionais entre os pescadores de Lucena, Paraíba, foi identificado que as pessoas mais velhas da comunidade, possuem os saberes tradicionais – a memória sociocultural local – a serem transmitidos ao longo das gerações subsequentes. Buscando na linguagem adotada por cada indivíduo no seu modo de transmissão dos saberes, reconhece-se a oralidade como veículo predominante desta transmissão, cujos habitantes mostraram revelaram conhecimento cultural e o folclórico local, que devem continuar sendo estudados e resgatados antes que sejam esquecidas e deixadas de serem transmitidas ao longo do tempo.

Apesar de esforços na busca de informações da lenda, não foi possível registrar e chegar à origem da tradição folclórica do Batatão na comunidade de pescadores tradicionais de Lucena, apesar dos detalhes obtidos, incluindo testemunho de terem presenciado a aparição do Batatão. Mesmo sendo muito conhecida, há variações sutis na lenda como mostraram os relatos transcritos e sua origem continua sendo uma incógnita, motivo pelos quais outros trabalhos podem ser realizados com intuito de obtenção de sua origem. Os estudos bibliográficos conduziram a uma origem indígena em outros estados e regiões do país, com modificações e formas físicas desta aparição, que é relacionada a natureza, necessitando de maiores estudos futuros para ser alcançada a fonte no estado da Paraíba desta manifestação folclórica.

### REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Francisco José Pegado; SATO, Michèle. Métodos Qualitativos e Técnicas de Coleta de Dados em Pesquisas com Educação Ambiental. In: ABÍLIO, F. J. P.; SATO, M. **Educação Ambiental: do currículo da Educação Básica às experiências educativas no contexto do Semiárido Paraibano**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária da UFPB, 2012, p. 19-76.

AGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva; LINS NETO, E. M. F. Seleção dos Participantes da Pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). **Métodos e Técnicas na pesquisa Etnobotânica e Etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010, p. 21-38.

ALBUQUERQUE, Ulisses Paulino; CUNHA, L. V. F. C.; LUCENA, R. F. P.; ALVES, R. R. N. [Editors]. **Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology**. New York: Human Press/Spring Science, 2014.

AQUINO, Maria Elizabete Sobral Paiva de. **Em Cada Canto, um Conto, uma Canção**: o velho, a tradição oral e a educação no Mato Grande/RN. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRN, Natal-RN, 2013.

AZEVEDO, Ricardo. Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, Editora Dimensão, n. 27, mai./ jun. 1999.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012** - Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos. Brasília, DF: CNS/MS, 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2013.

BATISTA, Izabela Wégila de Assis; MACENA, Maria de Lourdes. O que se perdeu com o tempo: a memória oral de Pacajus-CE. In: Congresso Brasileiro de Folclore, 16. UFSC, Florianópolis, 2013. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, SC: UFSC, 2013. Disponível em: <[http://www.labpac.faed.udesc.br/o%20que%20se%20perdeu%20com%20o%20tempo%20pacajus%20ce\\_izabela%20w%20a%20batista.pdf](http://www.labpac.faed.udesc.br/o%20que%20se%20perdeu%20com%20o%20tempo%20pacajus%20ce_izabela%20w%20a%20batista.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2015.

BRADÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. Lugar da Vida: Comunidade e Comunidade Tradicional. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, Ed. Especial, n. XXI, p. 1-23, jun. 2014.

CANANÉA, Fernando Abath. Educação Popular e Possíveis Diálogos Críticos. In: CANANÉA, F. A. (Org.). **Novos Olhares Artísticos-Culturais**. João Pessoa, PB: IMPRELL, 2011, p. 47-60.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1947.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Natal, RN: Editora Tecnoprint, 1972.

CASOTTI, Janayna Bertollo Cozer. Retextualização e Letramento Literário na Educação Básica. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 315-327, 2014.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: Expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007.

DIEGUES, Anotnio Carlos. Mudança como Modelo Cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Enciclopédia Caiçara**. v. 1. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: CEC/USP, 2004, p.21-48.

DELBEM, Danielle Conte. Folclore, Identidade e Cultura. **UNAR**, Araras-SP, v. 1, n. 1, p. 19-25, 2007.



FERNANDES, Renata Beloni de Arruda. A Movência como Fator de Adaptação das Poéticas Oraís. **Boitá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, Londrina-PR, n. 11, p. 37-46, jan./jul. 2011.

GALEANO, Juvenal. **Lendas e canções populares**. 4. ed. Fortaleza, CE: Casa Juvenal Galeano, 1978.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Oralidade e Escrita: uma revisão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, 128, p. 403-432, mai./ago. 2006.

GERALDI, João Wanderley. Culturas orais em sociedades letradas. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas-SP, Ano XXI, n. 73, p. 100-108, dez. 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UFRJ, 2005.

HEATH, Chip; BELL, Chris; STERNBERG, Emily. Emotional selection in memes: The case of urban legends. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 81, n. 6, p. 1028-1041, dec. 2001.

IBGE. **Paraíba, Lucena**. Brasília, DF: 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250860>>. Acesso em: 03 dez. 2012.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história local. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 79-103, jun. 2001.

LISBOA, Henrique. **Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. **Signótica**, n. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997.

MONICA, Laura Della. **Manual do Folclore**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edart, 1983.

MORAES, Nilson Alves de. Memória e Mundialização. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Orgs). **Memória, identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MORIGI, Valdir Jose; ROCHA, Carla Pires Vieira da; SEMENSATTO, Simone. Memória, Representações Sociais e Cultura Imaterial. **Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, ano 09, n. 14, p. 182-191, 2012.

NASCIMENTO, Maria Ernestina Cornélio do. **“Quem nos Guia é Essa Luz”... Uma História de Lucena Contada por seus Moradores**. Lucena, PB: F&A Gráfica e Editora, 2007.

NASCIMENTO, Maria Ernestina Cornélio do; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena Córdula. Cultura e a Oralidade nos Contos Tradicionais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 1-3, 2014a.

NASCIMENTO, Maria Ernestina Cornélio do; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena Córdula. Cultura, Folclore e os Saberes Tradicionais. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 21, p. 1-3, 2014b.

NASCIMENTO, Maria Ernestina Cornélio do; NASCIMENTO, Glória Cristina Cornélio do; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena Córdula. Lendas e contos na cultura popular: a lenda do Batatão. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 22, p. 1-3, 2014c.

PELEN, Jean-Noël. Memória da literatura oral. A dinâmica discursiva da literatura oral: reflexões sobre a noção de etnotexto. Trad. Maria T. Sampaio. **História e Oralidade (PUC-SP)**, v. 22, p. 49-77, 2001.

PICOLI, Bruno A. Memória, História e Oralidade. **Mnemosine Revista**, v. 1, n. 1, p. 168-184, jan./jun. 2010.

PORTO, Idelma Maria Nunes; PERFEITO, Alba Maria. Narrativa com o Mito Saci Parerê: dos aspectos teóricos à proposta de transposição didática. **Signum**, Londrina-PR, v. 2, n. 10, p. 113-137, dez. 2007.

SILVA, Mônica Martins da. História, narrativas e representações na escrita do folclore em Goiás. In: Simpósio Nacional de História, 13. **Anais...** Londrina, PR: ANPUH, 2005.

SILVA, Gésika Kalina Gomes da. **Cultura e Religiosidade Potiguar**: um estudo sobre a aldeia São Francisco – Baía da Traição/PB. Monografia. Graduação em Licenciatura em Pedagogia, UEPB, Guarabiba-PB, 2014.

SILVERMAN, D. **Interpretação de Dados Qualitativos**: métodos para análise de Entrevistas, Textos e Interações. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.

SOARES, Magna Becker. Língua escrita, sociedade e cultura: Relações, dimensões e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, set./dez. 1995.

SOUSA, Marivalda Guimarães. O Mito do Biatatá e suas Variantes: considerações sobre literatura oral e o imaginário das águas. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade Cultural e Expressões Regionais**: Estudos Sobre Literatura, Cultura e Turismo. Ilhéus, BA: Editus, 2006, p. 229-242.

SOUSA, Emilene Leite de. As Crianças e a Etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.140-164, jan./jul. 2015.

SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. **Revista O Tabuleiro das Letras**, Salvador-BA, Edição Especial, dez./10. Disponível em: [http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero\\_especial/pdf/artigo\\_nespecial\\_01.pdf](http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_especial/pdf/artigo_nespecial_01.pdf). Acesso em: 17 ago. 2012.

SOUSA, Marinalva Guimarães. Mito do Biatatá e suas Variantes: considerações sobre literatura oral e o imaginário das águas. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade cultural e expressões regionais: estudos sobre literatura, cultura e turismo**. Ilhéus, BA: Editus, 2006, p. 229-242.

TOLEDO, Víctor M.; BARRRERA-BASSOLS; Narciso. La **Memoria Biocultural**: La importância ecológica de lãs sabidurías tradicionales. Barcelona, Espanha: Icaria Editorial, 2008.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. O Ensaio de Luis Câmara Cascudo na Interpretação da Cultura Brasileira. **Cronos**, Natal-RN, v. 1, n. 1, p. 27-40, jan./jun. 2000.

VIDART, Daniel D. **Sociologia Rural**. Madri, Espanha: Salvart Editores/S.A. Barcelona, 1960.

ZIBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, set. 2006.

## AGRADECIMENTOS

Aos pescadores Pedro Leonel, José Pereira da Silva, Irismar Ramos dos Santos e Josuel Lindolfo da Silva, que participaram deste estudo, pelos contos que são oralizados e por acreditarem na cultura, no folclore e que devem ser repassados através das gerações.

Ao povo de Lucena, que mantém viva sua cultura e sua oralidade.

*In memoriam* do Sr. José Pereira da Silva, conhecido como Zé Sabino (1940-2016), que deixou aqui, uma pequena estória, para a memória das futuras gerações.